



Augustus é apaixonado por câmeras antigas

Fotos: Bruna Gaston CB/DA Press



Augustus emoldura as fotos que tira nas suas câmeras

o hábito de trocar cartões portais com os amigos. “Sempre que algum de nós viaja, compra cartões dos pontos turísticos e escreve bilhetes.”

Um olhar poético

Tempo, tato e surpresa. Na era dos cliques infinitos e da imagem descartável, as máquinas analógicas — com sua limitação de poses, seu processo manual e seu mistério na revelação — devolvem à fotografia o seu caráter ritualístico. De acordo com Rose May Carneiro, coordenadora de extensão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), jovens buscam nas câmeras antigas, como ocorre com um vinil ou uma fita cassete, uma experiência sensorial, única, imperfeita e mais autêntica.

“O analógico resgata o encantamento de esperar pela imagem, de errar, de tocar, de guardar. É uma espécie de contracultura afetiva diante do excesso descartável do digital. A nostalgia, aqui, não é um lamento pelo passado, mas um instrumento de invenção do presente. Estou, inclusive, escrevendo um artigo sobre como essa geração hiperconectada que reencontra na fotografia analógica não apenas uma estética vintage, mas uma forma de resistência ao imediatismo”, ressalta.

A nostalgia surge como um gesto de cura: ao recuperar o que parecia esquecido, ela reconstrói vínculos, afeições e modos de olhar, como descreve Rose. O fascínio pelas bordas da Polaroid, pelos tons esmaecidos do filme vencido ou pelas fotos tremidas revela uma vontade de desacelerar, de sentir com mais profundidade o revelar da memória que nasce com a fotografia. É um afeto geracional com o tempo e com as lembranças.

Muito além da Sony Cybershot, que ganhou nova vida com o TikTok e o Instagram, outras câmeras

ressurgem com força. Segundo Rose, a Canon Powershot A95 e outras compactas digitais dos anos 2000, com flash estourado e baixo contraste, estão entre as mais utilizadas pela nova geração. “Olympus Trip 35, famosa pela sua portabilidade e nitidez suave; Minolta X-700 e Pentax K1000, amadas por estudantes de fotografia; Yashica T4 e Contax T2, clássicos de filme 35mm cultuados pela textura e saturação; Polaroid SX-70 e 600, que fazem da revelação instantânea uma performance poética”, detalha.

E até as câmeras descartáveis Fujifilm voltaram às prateleiras, agora como gesto consciente e senso artístico. Para a professora, é importante ressaltar que essas câmeras carregam uma estética que não é só visual, mas também emocional e política: cada imagem tirada com elas carrega uma intenção; nada é aleatório. Não se trata de um simples ato de apertar um botão.

“Fotografia é arte, mas também pensamento. Você fotografa com o seu universo cognitivo, com as suas vivências e experiências. Aí está a delícia de fotografar com essas câmeras. Elas funcionam como uma espécie de pincel. Ao utilizar cada uma delas, você sabe, mais ou menos, o quadro que vai pintar. Todo o resto é o acaso e o seu olhar poético. Por isso, o frisson. Fica difícil resistir”, destaca Rose.

O retorno ao analógico pode ser terapêutico, formativo e poético. Permite que os jovens reaprendam a olhar — e não apenas a consumir imagens. Com o celular, o gesto de fotografar virou um reflexo. “Sebastião Salgado (morto no mês passado), inclusive, disse que poderia ser qualquer coisa, menos a fotografia em seu sentido lato. Com uma câmera analógica é diferente, pois vira escolha. O tempo que se leva para revelar uma foto pode ser o mesmo tempo que se precisa para refletir, criar, existir.”

Augustus vê a distância do celular com bons olhos. “Para mim, está tão saturado, ficamos o dia todo expostos ao on-line e acho que perdemos a autenticidade. A mídia física se torna mais real e autêntica”, acredita.

Além de curtir o efeito que as máquinas dão para as imagens, Augustus faz questão de revelar as imagens. Além de gostar de ter as imagens físicas, ele as usa para presentear os amigos. “Escrevo um bilhete junto com a foto e, agora, estamos também fazendo álbuns de foto completos para presentear. É uma coisa diferente, com um significado especial”, comenta.

Fã da tendência vintage como um todo, o estudante não se limita às fotos. Ele tem — e ouve com frequência — um tocador de discos de vinil e criou